



# PORTUGAL

*apenas faz fé o texto proferido*

**INTERVENÇÃO DE SUA EXCELÊNCIA O PRESIDENTE DA REPÚBLICA  
PROF. DR. MARCELO REBELO DE SOUSA**

**76ª ASSEMBLEIA GERAL DAS NAÇÕES UNIDAS  
DEBATE GERAL**

**21 de setembro de 2021**

**NOVA IORQUE**



Senhor Presidente Abdulla Shahid,  
Senhor Secretário-Geral António Guterres,  
Excelências,

Senhor Presidente,

Saúdo a eleição de Vossa Excelência e manifesto total apoio às suas prioridades: recuperar da pandemia de forma sustentável; ter em conta os direitos humanos; revitalizar as organizações multilaterais, como as Nações Unidas.

Agradeço ao Presidente cessante Volkan Bozkır uma, já histórica, Assembleia Geral.

Senhor Secretário Geral,

Como aqui disse em junho, felicito-o pelo exemplar primeiro mandato. Agradeço à Assembleia Geral a confiança depositada na pessoa certa no momento certo. Apoio integralmente o apelo ao cessar fogo global, o processo de reforma das Nações Unidas, a "*Call to Action for Human Rights*".

Tal como apoio as prioridades escolhidas – numa Nações Unidas 2.0, numa agenda centrada nas pessoas – respondendo à pandemia, alcançando a paz e a segurança internacionais, galvanizando a ação climática, atingindo os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável nesta Década de Ação, assegurando a centralidade dos direitos humanos, promovendo a igualdade de género, e equacionando os desafios da transformação digital.

Excelências,

A pandemia, a crise económica e social dela emergente, a recente evolução no Afeganistão, recordam-nos evidências que não podemos nem devemos esquecer.

Primeira evidência – o mundo é multipolar. Nenhum polo, por mais poderoso que seja, tem condições para enfrentar, sozinho ou com alguns parceiros apenas, alterações climáticas, pandemias, crises económicas e sociais, terrorismo, desinformação; e ainda promover movimentos de população ordenados e seguros, proteção dos mais vulneráveis e os direitos humanos.

Segunda evidência – a governação de um mundo multipolar exige compromisso e concertação entre as nações, isto é, multilateralismo.

Terceira evidência – o multilateralismo, perante desafios que ultrapassam fronteiras e exigem respostas conjuntas, tem de se fundar no Direito Internacional, nos valores da Carta e no reforço das organizações internacionais, a começar pelas Nações Unidas e suas agências especializadas.

Quarta evidência – sempre que hesitamos quanto ao multilateralismo, sempre que pomos em dúvida o Direito Internacional e as organizações internacionais, falhamos. Bem o vimos na resposta à pandemia, na reação a crises emergentes, na promoção da paz e segurança. A “Nossa Agenda Comum”, e o recente relatório do Secretário-Geral, com ideias inovadoras, são o nosso melhor roteiro.

Quinta evidência – importa ampliar, aprofundar e acelerar as reformas nas Nações Unidas – na gestão, na paz e segurança e no sistema de desenvolvimento. E também avançar na reforma do Conselho de Segurança – retrato do século XXI, pelo menos com presença africana, do Brasil e da Índia como Membros Permanentes. Mas isto implica meios financeiros adicionais.

É que afirmar o papel das Nações Unidas, mas resistir às reformas e negar recursos significa, na prática, enfraquecer o multilateralismo e criar situações de crise, com prejuízo para todos.

Excelências,

Portugal esteve sempre - estará sempre -, do lado dos consensos que resolvam crises.

Portugal está, tal como a União Europeia, do lado do multilateralismo; das Nações Unidas; da ordem internacional baseada em regras; dos direitos humanos. Portugal está empenhado na reforma da Organização Mundial de Saúde, no Tratado Internacional sobre Pandemias, na garantia das vacinas como bem público global. Portugal está comprometido com a Agenda 2030, com o alívio da dívida externa dos países mais vulneráveis, com a realização do Pacto Global das Migrações como “país campeão” para a OIM.

Portugal organiza, com o Quênia, em 2022 em Lisboa, a Segunda Conferência dos Oceanos das Nações Unidas, dimensão essencial da ação climática. Portugal apoia o reconhecimento do direito ao ambiente saudável.

Portugal participa em operações de paz. Portugal defende o diálogo Europa-África e a ação internacional para a estabilização no Sahel, a segurança marítima no Golfo da Guiné e a cooperação com Moçambique na sua luta contra o terrorismo.

Portugal não altera o seu rumo. Demonstrou na Presidência do Conselho da União Europeia, na participação na Comunidade de Países de Língua Portuguesa, que comemora 25 anos de existência, na projeção do Português a caminho de 300 milhões de falantes.

Demonstrou também na corajosa iniciativa do Presidente Jorge Sampaio – que nos deixou há dias – da Plataforma de Acolhimento aos Estudantes Sírios, alargada a refugiados afegãos.

Excelências,

Nós não mudamos de princípios.

E manteremos, também, o rumo caso nos deem a vossa confiança para um mandato no Conselho de Segurança daqui a 5 anos.

Consideramos que as grandes questões do nosso tempo, como o clima, a pandemia, as crises económicas e sociais, as guerras e as inseguranças,

as migrações e os refugiados, só demonstram que isolacionismo, protecionismo, unilateralismo, intolerância, populismo e xenofobia, inevitavelmente conduzem a becos sem saída.

A mensagem do Secretário-Geral é clara, lúcida e prospetiva. Mas é mais do que um apelo aos Estados. É um apelo a todos os cidadãos do mundo.

Não é só no clima que não existe Planeta B. É em tudo.

Ou todos nós, em todo o mundo, disso temos consciência, ou os governantes serão tentados a esquecer, a adiar, a paralisar, a perder tempo.

Vinte anos depois do 11 de Setembro. Seis anos depois do Acordo de Paris. Um ano e meio depois do começo da pandemia.

Precisamos mais do que nunca de um multilateralismo efetivo.

Não há mesmo mais tempo a perder.